

# LER

LIVROS E LEITORES

## MÁRIO DOMINGUES (1899-1970)

ESCRITOR, JORNALISTA, HISTORIADOR,  
MILITANTE ANARQUISTA

Texto de M. Rodrigues Vaz

## ANA LUÍSA AMARAL

O DISCURSO DE SALAMANCA

## NA CABEÇA DE XI JINPING

AS IDEIAS DO PRESIDENTE VITALÍCIO  
DO ANTIGO IMPÉRIO DO MEIO

Texto de François Bougon

## HANNAH ARENDT

RAMÓN DEL VALLE-INCLÁN

MAQUIAVEL

ARTHUR LARRUE

## JORGE CALADO

«SABER CIÊNCIA É COMO SABER LITERATURA,  
PINTURA, MÚSICA OU FILOSOFIA»

Investigador, professor, divulgador de ciência,  
apaixonado por música e fotografia,  
publicou a autobiografia *Mocidade Portuguesa*

Entrevista de Filipa Melo

OUTONO 2022 | N.º 164 | 16€ (IVA INCLUIDO)  
ISBN 978-972-8493-30-1 | VER MADRÁ | ISSN 0874-2047



CRÓNICAS: ABEL BARROS BAPTISTA, EUGÉNIO LISBOA E TÂNIA GANHO

# LER

LIVROS E LEITORES

**Diretor** Francisco José Viegas  
**Paginação** Rui Rodrigues  
**Revisão** João Assis Gomes  
**Secretariado** Cristina Mateus  
(cristina.mateus@bertrand.pt)

## Colaboram neste número:

Abel Barros Baptista, Ana Müshell, António Cândido Franco, Arthur Larrue, Diogo Morais Barbosa, Eugénio Lisboa, Filipa Melo, François Bougon, Hugo Pinto Santos, João Luís Barreto Guimarães, João Paulo Oliveira e Costa, José Riço Direitinho, Julieta Monginho, Manuel Herminio Monteiro, Manuel Rodrigues Vaz, Miguel Real, Pedro Vieira (ilustração), Samantha Rose Hill, Sofia Fraga, Tânia Ganho e Xavier Almeida.

## Redação & Administração

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1  
1500-499 Lisboa  
Telefone: 217 626 000  
ler@circuloleitores.pt

Periodicidade Trimestral

## Assinaturas e publicidade

Cristina Mateus  
(assinaturas.ler@circuloleitores.pt)

**Produção** Teresa Reis Gomes

**Impressão** Bloco Gráfico

[Via Doutor Vasco Teixeira,  
n.º 370 | 4470-498 Maia]

**Distribuição para Livrarias**

Distribuidora de Livros Bertrand

**Distribuição para Bancas** Vasp.

O estatuto editorial da LER

está disponível em

<http://www.grupobertrandcirculo.pt/fundacao-circulo-de-leitores/>

Propriedade: Fundação Círculo de Leitores [Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1; 1500-499 Lisboa]

© LER, 2022 © FUNDAÇÃO  
CÍRCULO DE LEITORES,  
2022. Depósito legal 18577/87  
Registo da ERC n.º 112 525  
de 8/9/1987. ISSN 0874-2847.  
ISBN 978-972-8493-30-1  
Tiragem de 6 600 exemplares.  
Preço por número em Portugal  
(Cont.): €6,00

Todos os textos são publicados  
segundo o Acordo Ortográfico  
em vigor. Excetuam-se os  
de alguns cronistas e eventuais  
extratos de obras citadas.



## SUMÁRIO



Sofonisba Anguissola (1532-1625),  
*Partita a scacchi / Partida de Xadrez* (c.1555)  
Museu Nacional de Poznań | Poznań | Polónia

**JORGE CALADO.** Investigador e divulgador científico, especialista em termodinâmica dos fluidos moleculares e professor emérito do Instituto Superior Técnico, 84 anos, é também um muito reconhecido crítico musical e curador de fotografia. A Imprensa Nacional acabou de publicar *Mocidade Portuguesa*, uma autobiografia até aos anos de Oxford. **Filipa Melo** conversou com o professor. **28**

**MAQUIAVEL, O MAL CONHECIDO.** Dentro de cinco anos será assinalado o quinto centenário da morte de Maquiavel, uma das figuras mais apaixonantes e esquivas da História da Humanidade. **Hugo Pinto Santos** recorda o essencial. **42**

**MÁRIO DOMINGUES.** Escritor, editor, publicista, jornalista, historiador e militante anarquista, Mário Domingues (1899-1977) é para muitos leitores um ilustre desconhecido – ou um nome desvalorizado num país que ignora os seus autores e os seus aventureiros. Manuel Rodrigues Vaz traça o percurso de uma vida fantástica. **68**

**LUIZ PACHECO.** Com *O Firmamento É Negro e Não Azul*, biografia de Luiz Pacheco, **António Cândido Franco** explora a vida & obra de um dos nomes marginais da nossa história literária do século XX. O livro sai em janeiro – está aqui um extrato. **50**

**PATTI SMITH.** Para **Ana Müshell**, é impossível não nos apaixonarmos por **Patti Smith** quando a escutamos ou a lemos. Foi em estado de enamoramento e procurando reproduzir as suas viagens oníricas, que a ilustradora espanhola concebeu uma biografia ilustrada da «madrinha do rock». **110**

# LUIZ PACH



Com *O Firmamento É Negro e Não Azul*, António Cândido Franco regressa às biografias, depois de ter publicado as de Agostinho da Silva (*O Estranhíssimo Colosso*) e de Mário Cesariny (*O Triângulo Mágico*). O retrato de Luiz Pacheco aguarda-nos. Este é um extrato do livro, com publicação marcada para janeiro.

# ECO

Texto de António Cândido Franco

Ilustrações de Pedro Vieira

No dia de Natal os guardas mandaram reunir a ala e avisaram que ia ter lugar na capela missa solene com coro. Quase ninguém se mexeu. Então os prisionais gritaram:

«Esses gajos católicos já pra a missa!» No meio da confusão ouviu-se uma voz vernácula e fria: – «Que se foda Deus!» Luiz José assistia àquilo como a coisa estranha, caída do desconhecido, mas que tinha a sua graça. Começou a tomar notas para um livro, *O Limoeiro Abandonado em 1959*, que ficou sem continuação, acabando assim por ser perder.

No meio daquela gente, Luiz José encontrou o conhecido, que lhe prestou alguns serviços. Era Toninho, irmão mais novato de João Fernandes, um daqueles que aparecia pelo Café Gelo. Pouco devia passar dos 20 anos, se é que os tinha. Com o pretexto de recolher listas telefónicas, metera-se em esquemas de ganhar dinheiro porta a porta. Foi este Toninho que lhe contou de esteio e lhe contou cenas de fadas entre os presos. Apesar da sua anterior passagem pelo lugar, Luiz José sabia pouco do assunto. Tivera umas suspeitas

de que ali às escondidas se passavam umas coisas mas nunca percebera bem o quê. Ninguém se abria com ele. Com ar fino e arguto, era espécie demasiado extravagante para receber confidências. Toninho contou-lhe que havia ali uns esquemas de rabos pagos a cigarros e a tostões. Quanto mais novo era o rabo – 12 e 13 anos era então o limite – mais em conta ficava. Só valiam cigarros. Os mais cobiçados eram os rabos de 15 a 18 anos, tabelados a dois tostões. Luiz José partiu o coco de riso e como sabia que o Café Royal ia fechar no final do ano com um banquete de despedida, para já não voltar a abrir, escreveu uma carta a Pepe Blanco, filho do dono, em que aproveitou para gozar o caso. Chamou à baila Cesariny, que não escondia os marinheiros que bicava no Cais do Sodré, e deixou esta achega (v. Mário Cesariny, *Jornal do Gato*, 1974: 16): «V. leia esta tabela ao Cesariny, para o enraivecêr e mostrar-lhe que o lugar dele é Aqui. Com os 5 escudos que ele costuma pagar na área das fragatas, são capazes de lhe ir encomendar um rabo lá fora, um rabo de chinês (que são os mais remexidos) ou até mesmo um rabo de polícia (que

os mais apertados). Com 5 escudos tem direito a fotografia, águas quentes ou frias, e sobremesa.»

A estadia na Cinco tinha, porém, inconvenientes. O piso era baixo, quase ao nível do rio, e o frio e a humidade infiltravam-se de noite nos bailiques, onde os homens se amontoavam com pouco mais do que uma puida manta que já fizera talvez as trincheiras de França. Corria o Inverno e, castigado pelos desleixos das últimas semanas, Luiz José teve medo da asma. Queixou-se aos amigos que o visitavam e um, Artur Ramos, teve intervenção providencial. O pai era influente no Ministério da Justiça e o tio, Oliveira Ramos, autoridade máxima das prisões, nada menos que director-geral dos Serviços Prisionais. Bastou-lhe um telefonema a seguir ao Ano Novo para resolver a questão. Pediu a transferência de Luiz José para um piso superior. Na nova sala, conhecida entre os presos pela sala dos bacanos, tudo era diferente. As casas de banho eram asseadas e tinham até lavatórios de mármore; as vistas sobre o rio estendiam-se a perder de vista, até às campinas da Outra Banda; a clientela era escassa e selecta. Era gente reservada, sempre metida com os seus botões, com direito a alguns luxos caseiros – pijama de flanela na estação fria, robe, escova de dentes, sabonete, lenço, chinelos e outras mordomias. Os guardas pouco apareciam, porque os *bacanos* gozavam dum estatuto semi-independente, com tarefas para cumprir na secretaria. Luiz José teve de seguir a norma e ficou com a obrigação de colar fotografias nas fichas dos presos.

Foi nesse período de reserva e silêncio que leu o romance de Fernando Namora, *O Homem Disfarçado*, acabado então de sair e que o enjoou para sempre do autor. Foi ainda nestes dias que ele se meteu a traduzir o *Satyricon* de Petrónio e *Lolita* de Nabokov, romance saído em 1958 e traduzido em francês no ano seguinte. A identificação com a história de Nabokov foi instantânea e daí a ideia da tradução, que não chegou a avançar – como a de Petrónio também não. Encontrou aí plasmado o seu imaginário de adorador de ninfas de 13 anos, pelo qual já fora preso duas vezes. O romance mostrou-lhe que esse imaginário não dava

só criminosos; podia também dar obras-primas em que o suposto criminoso era menos culpado e amoral do que a vítima.

No final de Janeiro – estava há cerca dum mês atrás das grades – teve permissão de saída, para aguardar julgamento em liberdade. Mais uma vez a intervenção do tio de Artur Ramos se mostrou socorro eficaz. Quando se apanhou cá fora, a primeira coisa que fez foi desandar para casa da Natália, onde tinha o filho e a companheira. Numa das últimas visitas da Maria do Carmo ao Limoeiro, ficara-lhe a saltar uma pulga atrás da orelha. Fazia-lhe sempre nas visitas a pergunta da praxe: – «Então como vai aquilo lá por casa da Natália?» A rapariga respondia sem rodeios: – «Vai bem.» Dessa vez juntara porém: – «Mas houve uma coisa que não percebi. Fomos para a casa de banho as duas, ela despiu-se toda e começou a esfregar a rata no espelho.» Estava desejoso de tirar aquilo a limpo, de ouvir a versão do outro lado e rir umas boas gargalhadas com a Natália à custa da cena.

No dia seguinte foi a Bucelas. Tinha por lá tralha pessoal e uma satisfação a dar ao filho, além das contas para ajustar com o pai. Sabia que o velho se limitaria a olhá-lo com indiferença. Mas fervia-lhe dentro uma má vontade para com ele que não podia ficar sem uma satisfação. Passara o mês inteiro nos corredores do Limoeiro com aquele ressaibo na alma. Quando o viu, estava estendido na cama e nem a careca mexeu. Andava azoinado do estômago desde há meses; comia pouco, emagrecera muito. Quem diria que estava ali o elegante, o filho do senhor coronel, que outrora desafiara as meninas para ir a Sintra e ao Estoril. Ao seu lado tinha o aparelho de rádio com que entretinha as horas; era uma dessas caixas de madeira pesada com que se sintonizavam as ondas. Subiu-lhe de novo o ódio pelo pai. Estava intacto. Sentira-o no instante da prisão mas era impressão velha que conhecia desde o início da adolescência. Olhou-lhe a careca, onde outrora se lembrara de ver um capachinho, e não esteve com meias-medidas. Viu-se a pegar no aparelho de rádio, a erguê-lo e a ficar com aquele pedregulho

**Olhou-lhe a careca, onde outrora se lembrara de ver um capachinho, e não esteve com meias-medidas. Viu-se a pegar no aparelho de rádio, a erguê-lo e a ficar com aquele pedregulho suspenso das mãos, ao alto, com a intenção feroz de o desfechar com quanta força tinha na lustrosa careca de Paulo Eduardo. Nem um miolo se salvava.**



ridículo, a obra fica destroçada. No caso presente, modelo dos restantes, pegou numa expressão, *crueldade testicular*, usada pelo autor a propósito de Camões, para disparar com ela um fogo-de-artifício colorido, abundante e bem doseado. Aproveitou depois para alinhar outras expressões do ensaio que provocam naturalmente no leitor idêntico sentido do risível. Não obstante a atenção às minúcias da linguagem, o panfleto orienta-se naquele sentido formativo que se viu ser em 1957 a primeira pedra do seu sistema crítico. Mais que uma pesquisa estilística e estética, mais que uma obra, é uma questão social, uma dimensão política e um autor que estão em jogo – autor esse que Luiz José cruzara na Faculdade de Letras e que era então rapaz muito promissor. A leitura da obra tinha assim por objectivo abrir uma guerra contra uma forma de viver – e polémica fora a sua indicação prática na resposta a outro rapaz promitente, Leal da Silva.

O mesmo se passa no postal dedicado a Fernanda Botelho. Concebido logo depois da atribuição do Prémio Camilo Castelo Branco (1961) ao romance *A Gata e a Fábula* (1960), o postal joga desta vez numa caricatura verbal, «Felizarda Botelho», autora do romance *A Gata e os Carapaus*, e de imagem (João Rodrigues), um estafermo a contemplar-se nua no espelho do toucador. O processo é o mesmo do panfleto contra Urbano Tavares Rodrigues: pôr a ridículo um autor e uma obra. Neste caso a obra ocupa um lugar menor, apenas através duma paráfrase sarcástica do título; o que sobressai é a autora, apresentada de forma risível. O postal foi distribuído no dia e no local da entrega do prémio à escritora, o Hotel Mundial, e logo depois na Feira do Livro. É uma nova declaração de guerra. Na sua origem não estão motivos estéticos, mas o sistema tentacular e obscuro que envolve a criação artística e que se traduz nos prémios literários, em quem os atribui e em quem os recebe. Esta primeira campanha visando Urbano Tavares Rodrigues, que foi durante muitos anos um dos alvos dilectos de Luiz José, e Fernanda Botelho coincidiu com o parto de Delfim da Costa, «o cangalheiro da cidade», criação de Manuel de Lima, Natália Correia e Luiz Pacheco, cujos propósitos de limpeza e de remoção dos cadáveres na República das Letras parecem em tudo ajustados às intenções de rebelião crítica que se assinalam nos primeiros disparos de Luiz José.

*O Firmamento É Negro e Não Azul – Uma Biografia de Luiz Pacheco*, de António Cândido Franco, é publicado pela Quetzal.